

# Eneida Viva

Veloso Leão<sup>2</sup>

O pai, descendente de índios, caboclo tapuio amazônico, navegador e explorador da Amazônia, era comandante de “gaiola”. Tornara-se um “novo rico” da borracha, numa época em que ela dava para tudo. Numa de suas longas viagens pelo Amazonas, “furos” e “paraná”, o comandante Guilherme Joaquim da Costa, da “Amazon River”, conheceu a jovem Júlia Vilas Boas, professora primária, que ia lecionar em Óbidos, cidade dos índios “pauxis”.

Moça baiana, muito prendada, de grande sensibilidade, apaixonada por crianças e livros da literatura francesa, a bonita professora Júlia embarcava em Belém, saudosa pela perda do pai e pelo afastamento da família numerosa.

Embora fosse noiva de um aspirante de Marinha, no Rio, e tivesse a metade da idade do comandante Costa, a quem fora recomendada, a jovem professora viu nele um tipo de homem simpático, inteligente e exótico.

Com sutil habilidade, no convés, o paternal comandante Guilherme, conseguira transformar as lágrimas sentidas da mocinha em sorrisos. Em pouco tempo eram discretos personagens de um romance de amor. E o antigo noivado foi rompido...

Na viagem de volta, além do rio, de seu navio e de seus negócios, o comandante preocupava-se, feliz, em agradar o máximo possível a moça arrimo de família, que não se acostumara em Óbidos, e havia aceitado seu pedido de casamento.

Em Belém, à procura de um lar, ele comprou na rua Benjamim Constant um grande terreno, com uma frondosa mangueira. Nele mandou construir uma casa confortável. Nela casou-se. E nela nasceu, às três horas de uma tarde iluminada de sol do dia 23 de outubro de 1904, uma menina muito clara e vermelha.

Logo depois que ela nasceu, de comum acordo, o casal resolveu escolher para sua primeira filha, não o nome de Eliana, a filha do sol, mas o doce e romântico nome do poema de Virgílio: Eneida...

Depois da primogênita Eneida Vilas Boas Costa, nasceram os filhos Guilherme (Guilhito), Manoel Guilherme (Manduca) e Nereida. Dona Júlia, muito culta, carinhosamente dirigiu a vida infantil de Eneida e lhe ensinou as primeiras letras. Muito cedo, aos quatro

anos, ela começou a aprender a ler.

Seu primeiro colégio foi na travessa Rui Barbosa, a escola primária de Dona Hilda, uma simples e boa advogada, que não exercia a profissão, e se contentava em ensinar como professora, exibindo apenas seu rubro anel de grau, sem dar puxões de orelha ou abusar da régua e palmatória... Mas, os bilhetes de Dona Hilda denunciavam o comportamento de Eneida na escola. E, apesar das palmadas constantes de Dona Júlia, (“Minha mãe gostava muito de me bater”, dizia numa crônica memorialista), Eneida era uma menina magra e comprida, muito viva e curiosa, que falava demais, levada da breca.

Junta com os irmãos era o cão de camisa. Punha a casa em polvorosa com suas diabruras e traquinadas de moleque. Dava um trabalho enorme às lavadeiras, cozinheiras, babás e governantas. E estas, bem como pai, lhe contavam lendas nativas e de pretos velhos africanos.

Por influência de Dona Júlia e da governanta francesa Elise Platt, Eneida aprendeu cedo o francês, lendo livros ilustrados de histórias, contos e lendas da literatura francesa. Aos sete anos escreveu um pequeno conto campestre, com bruxas, lenhadores e fadas. E recitava poemets de Guerra Junqueiro. Aos oito anos “devorava” os livros importados, sobre qualquer assunto, existentes na biblioteca da casa.

Com essa idade, a irrequieta e curiosa Eneida, saliente demais, sai de Belém para ser internada no colégio de Sion, em Petrópolis, a Cidade das Hortências, não propriamente como um castigo a sua indisciplina, mas para receber uma melhor instrução e educação.

No Sion, Eneida melhorou muito o seu francês familiar e aprendeu boas maneiras e muitas coisas úteis. Sempre levada, era estudiosa e boa aluna. Foi “anjo” de pastorinhas, de altar e procissão. Um ataque de conjuntivite a obrigou a usar óculos contra a vontade. Estes modificavam sua fisionomia. E a faziam diferente.

Mas, quando recebeu a notícia de casa de que havia nascido uma linda irmã, que recebera o sonoro nome de Nereida, a mocinha ficou muito enciumada. E escreveu aos pais dizendo que ia entrar para o noviciado, para receber o véu e “ser freira”. Apavorada com essa idéia a família a desligou do Colégio antes de completar

o curso. E Eneida voltou a Belém, a sua Cidade das Mangueiras, em 1918, com quatorze anos incompletos.

Para terminar o curso iniciado no Sion, matriculou-se no Ginásio Paes de Carvalho, onde foi colega de Peregrino Júnior, e com ele jogava bola num time de meninos. Com eles se parecia. E gostava de seus brinquedos. Comprida e corajosa dizia que não tinha medo de homem...

Montada numa bicicleta inglesa fazia "misérias" em matéria de acrobacias e piruetas. De patins, saltava sobre bancos e cadeiras nas calçadas. No quintal de sua casa trepava nas árvores mais altas. E quando levava tombos, com o corpo cheio de manchas, não se queixava das quedas para que não a tomassem por fraca. Em pé ou sentada sobre o peitoril da janela de seu quarto, empinava "papagaio" como um moleque. Numa de suas poesias diria mais tarde: "Da minha janela eu vejo uma paisagem que põe mais verde os meus olhos"

Dona Júlia desejava que Eneida estudasse música e tocasse bem algum instrumento musical. Começou com aulas de piano, em casa, depois bandolim e cítara no Sion, o colégio interno das freiras, as tão bondosas irmãs. Mas Eneida apenas conseguira "arranhar" estes instrumentos...

Com quinze anos sofreu Eneida um doloroso golpe: faleceu sua mãe, vitimada pela gripe "espanhola". Sem Dona Júlia, sua maior amiga e confidente, tão amada, que a aconselhava a evitar sempre o ridículo, ser natural e simples, e lhe dera uma boa formação cristã, a vida de sonhos de Eneida tomou contato com a dura realidade. E modificou-se completamente.

O pai, enriquecido com bons negócios, tinha o seu próprio navio. Como vivia viajando, pusera em casa uma nova governanta, de sua confiança. E dobrou a sua vigilância sobre Eneida e os três filhos menores. Era um homem ríspido, com certas esquisitices caboclas, que conforme ela própria dizia... "era muito feroz - era bom, coitado, mas era feroz..."

Na inteira dependência do pai, a donzela o transformara numa fera, querendo ser absoluta e dominadora no domínio do lar, com os irmãos sob sua guarda e suas ânsias de libertação total. A todo custo queria ser independente. Porque o pai, com quem se desentendera seriamente, talvez por falta de afinidade, e por contrariá-la na satisfação de certas vontades de moça, lhe proibindo, por suas rebeldias, de sair de casa livremente.

Lutando por sua emancipação, Eneida, com dezesseis anos, rebelou-se contra o pátrio poder da autoridade paterna, requerendo maioridade ao juiz de menores, o que lhe foi negado. Mas não se deu por vencida. Fez os preparatórios no Colégio Gentil

Bittencourt e matriculou-se na Faculdade de Odontologia. Visava apenas um diploma de escola superior. Com este poderia se libertar.

Nos intervalos das aulas, estudava datilografia e taquigrafia. Pensava obter um futuro emprego. Mas, de posse da biblioteca da finada mãe, sua forte preocupação era a literatura. Escrevia, em prosa e verso, em pequenos jornais e nas revistas "A Semana" e "Guajarina", dirigidas por Peregrino Júnior, sob o pseudônimo de "Miss Fidelidade". Quando o jornalista veio para o Rio estudar medicina e fazer crônica social, Eneida, inteligente e bonita, ficou como secretária, na direção das duas revistas.

Nelas a odontolanda abriu um consultório sentimental. E atendia "doentes" do coração, em geral colegas, amigos e conhecidos de ambos os sexos, fornecendo-lhes orientação, dando conselhos, escrevendo bilhetes e cartas amorosas. Como poetisa, apresentava poemas novos, nos salões sociais, às senhoras ricas do Pará, algumas cheias de orgulho e preconceitos e metidas a fidalgas. Eram vates pobres e, alguns, escuros e humildes.

No meio acadêmico, entre colegas, Eneida era uma moça muito querida, de grande vivacidade, possuidora de uma bela estampa, que ressaltava à frente deles nas aulas, nos bailes, nos "assustados", pastorinhas, "bois-bumbás", missas, enterros, "terreiros" de pajelança, enfim, em todas as reuniões festivas ou solenes, em que tomava parte. Líder de seu grupo, foi oradora da turma, na colação de grau. Mas jamais exerceu a profissão de dentista por falta de temperamento. Não podia ver sangue. Ficava muito nervosa e agitada.

Logo depois de formada, Eneida casou-se, em 1921, com Genaro Baima de Moraes, de quem teve dois filhos, Léa e Otávio, e passou-se a chamar Eneida de Moraes. Casou por amor. Não porque quisesse apenas sair de casa, para se ver livre da ferocidade do pai índio severo e zeloso. Mas por desejar ser uma mulher casada e independente da família.

Em 1925, Eneida veio ao Rio a passeio. Na redação do "Para Todos", revista de que era colaboradora, recomendada por Peregrino Júnior, conheceu Álvaro Moreyra, seu diretor, e Eugênia, mulher de grande coragem, notável por sua inteligência e bondade.

Dedicando-se à poesia e ao jornalismo, Eneida percorria as redações dos principais jornais de Belém, oferecendo colaboração sua, acompanhada de bonitos retratos. Num desses jornais, "O Estado do Pará" que ainda conserva seu retrato na parede, começou a escrever em 1927, fazendo crítica literária.

Nilo Franco, em sua "Crônica da Cidade", na Província do Pará", escreveu essas sentidas e

expressivas linhas, recordando a querida poetisa: “me lembro da moça, subindo, repetidas tardes, as escadas do velho “O Estado do Pará”, o jornal de Afonso Chermont, àquela altura vivendo dias realmente gloriosos, sob o comando de Alcindo Cacela e de Santana Marques.

Lá dentro, toda uma esplêndida e brilhante mocidade, o próprio Santana, ele, com sua cultura, a inteligência enorme que Deus lhe deu, o fulgor irradiante de seu belo espírito, o Paulo de Oliveira, outro sem tamanho, o Orlando de Moraes, poeta admirável pondo doçura em cada verso, o Sandoval Lage, o padre Cupertino com seus editoriais bem lançados. E havia os mais vividos, o Edgar Proença comandando o setor dos desportos e a cujo lado eu caminhava uns primeiros e tímidos passos.

Bonita, alegre, cheia de vida, explodindo vez em quando num riso ruidoso e feliz, ela subia as escadas, para o papo cordial de longas e belas tardes. E tudo se iluminava à sua chegada, porque ela não era só aquela beleza que esplendia de sua maravilhosa mocidade, no apuro de linhas, nos olhos verdes e bonitos, no riso alegre. Era falar, dizer cousas, e a gente sentido, em cada conceito emitido, em cada palavra, o mundo de beleza interior que nela havia.”

Àquela altura, a poesia era a sua predileção. E, todos os domingos, lá vinha o “O Estado” com seus versos, seus belos versos, sempre de exaltação à terra, aos mistérios e à grandiosidade da Amazônia. Foi a fase moça do “Terra Verde”, seu livro de versos”.

Esse livro, uma coletânea de poesias publicadas em revistas e jornais de Belém, às quais juntara algumas ainda inéditas, foi impresso em 1929, com letra de forma em tinta roxa, a cor da viuvez, que tinha para ela um secreto e estranho significado. Todavia, só foi divulgado por sua autora em 1930, ano em que, já bastante popular em sua cidade natal, foi homenageada, por ter participado de todos os movimentos literários do Estado, por uma festiva pleiade de intelectuais ilustres do Pará e do Amazonas, à frente da qual estava o brilhante escritor Raimundo Morais, grande mestre do assunto amazônico, que lhe entregou o “Muiraquitan” - a pedra verde das Amazonas ou Icamíabas - símbolo do seu amor pelos homens, por ser a “fiandeira literária da planície”.

Raimundo Morais conheceu pessoalmente, em Manaus, e Eneida, em Belém, o famoso polígrafo Mário de Andrade, o “papa” do modernismo, em São Paulo, (o do Rio era Graça Aranha), ambos escudados em figurinos italianos e franceses, quando pela Amazônia andou, passeando numa excursão de propaganda, como o culto secretário da Rainha do Café, uma linda moça

paulista... “Essa viagem”, diz Raul Bopp, “marcou época na vida e na obra do poeta”.

Eneida, sob forte influência do “futurismo” do movimento modernista, no Pará, tomara parte como elemento militante do grupo “Flaminiaçu”, ao lado do romancista Abguar Bastos e outros, depois da “Semana da Arte Moderna”, que um conferencista luso chamou de “Arte degenerada”, segundo conta Osório Borba, na “Comédia Literária”.

Antes de Eneida publicar “Terra Verde”, seu primeiro livro de versos, em plena mocidade, Adauto de Alencar Fernandes, em Fortaleza, no ano de 1925, publicava, na Tipografia Central, uma completa e magnífica monografia sobre o Estado do Amazonas, que denominou de “Terra Verde”. Influenciada pelas interessantes informações obtidas, com a leitura atraente dessa obra, pelos “Poemas Amazônicos”, de Francisco Pereira, lançado em 1927, que chama a baunilha de “...Carne em flor” e pelo “Macunaima”, de Mario de Andrade, em 1928, Eneida resolveu dar o título do livro de Adauto ao seu de estréia e por extensão, a toda a Amazônia... E nestes simples versos ela explica:

“Sabes o que Pará e Amazonas são?! Uma história... um deslumbramento.../ uma quantidade de coisas lindas...”/

“Terra Verde” é um poema moderno em prosa poética, e ufanista, exaltando com seu natural bairrismo, coisas íntimas, festas e lendas de sua terra natal, “...onde tem tanta cousa bonita,/ tanta cousa gostosa,/ tanta cousa cheirosa...”/, como canta e informa a autora nestes versos.

Dele, disse Peregrino Júnior, no “Panorama Cultural da Amazônia”: “Deu-nos Eneida em 1930 um livro lírico sobre a Amazônia - “Terra Verde”. É mais do que tudo, um canto alegre e ardente, uma louvação lírica da Amazônia”.

O livro, de versos soltos, foi impresso em 1929, pela Livraria “Globo”, na travessa São Mateus, 25 em Belém do Pará. Contém 128 páginas. Na primeira destas, destaca-se o “ex-libris” de Eneida: uma taça, alongada, com uma borboleta de asas abertas, bebendo, pousando sobre a borda. Nas folhas seguintes, depois da capa interna, esta bela dedicatória: “Para a cidade onde nasci - este livro, como se fosse um ramo de rosas vermelhas no túmulo de meus Pais”. E, abrindo o livro, à guisa de prefácio:

“Aqui a terra é toda verde;  
há orgias de luz,  
deslumbramentos de cor.  
E foi aqui  
que Deus escreveu

o hymno de notas mágicas  
à Alegria  
e ao Amor!"

Na capa, com desenhos, nas tonalidades verde e amarelo, destacam-se a assinatura da autora, apenas "Eneida" e o título da obra em desenho estilizado, em marrom. Numa das "orelhas", a seguinte informação: "As composições decorativas que ilustram este livro são devidas a Eládio da Cruz Lima, notável artista paraense e inspiradas na maneira-decorativa dos primitivos aruans, estilizando a Yara e o Muirakitan nos motivos Zoo e anthropomorphos da cerâmica pré-colombiana da ilha de Marajó". E, na outra "orelha": "Livros a publicar: "O meu flirt com a vida"- (versos) e "Contos Amazônicos".

Estes livros, anunciados, ficaram inacabados, pois, jamais foram publicados. E, aqui relacionadas as vinte e seis poesias modernas de "Terra Verde", com seus títulos: "Oração do meu orgulho", "Banho de Cheiro", "Lençóis de Areia", "Por do Sol", "Lição de Geografia", "Assahy", "Bailarinas", "Deslumbramentos Tocantinos", "Frutas", "Cântico de Amor", "...Do Coração", "De Junho", "Paysagens", "Muirakitan", "Ma-tinta-Pe-re-ra", "Uyara", "Sol Amazônico", "Minha Terra", "Bandeira" "Lua", "Alma Cabocla", "Japim", "Sinos de Belém", "A Voz da Natureza", "Valle Amazônico" e "Voz do Sangue".

Em outubro, por ocasião da festa maior do Pará, a de N. S. de Nazaré, os troncos nus das velhas mangueiras de Belém são caiados de branco. A gente espirituosa do povo diz que "vestem saias nas velhas", para assistirem à passagem do Círio da Virgem... Eneida, na poesia "Bailarinas", assim canta as mangueiras, em "Terra Verde":

"As mangueiras são as bailarinas elegantes  
da cidade.  
Bailarinas de saias brancas e corpetes verdes...  
Bailarinas da volúpia do vento...  
Namoradas do sol...  
Amantes da Lua...  
Bailarinas verdes de Belém!"

O casamento de Eneida, infelizmente, não dera certo. Separada do marido e desquitada, por motivos íntimos que publicamente nunca revelou, dizia apenas que o destino não quis que fossem felizes por muito tempo, "até a morte os separar". Sem recorrer a Santo Antônio o protetor dos casados e com pedidos e promessas marotas de mulher desastrada, para suplicar a volta do amor perdido, renuncia a tudo. E, numa noite escura

do agitado ano de 1930, "...com pinceladas pretas de tragédias na minha vida...", dizia Eneida, partiu de Belém para o Rio, fugindo de seu amor infeliz, que não era mais alegre, romântico e poético, como as crianças e as flores..."

Saíra da cidade pequena para a cidade grande, sua atração, a fim de recomeçar uma nova vida. Sem pensar em fazer carreira, queria apenas trabalhar e viver livremente, numa época em que se reparava a mulher que morava só ou trabalhava fora de casa. A leitura de "La Garçonne", de Victor Marqueritte, talvez tivesse influído em seu ânimo, com idéias de emancipação.

Na romântica e carinhosa "cidade maravilhosa", o Rio boêmio e amoroso, terra de amor e de pecado, que Alves de Souza chamou de "cidade afrodisíaca", Eneida hospedou-se na casa de um parente. Depois, para não ser pesada à família, tomou outros rumos. E chamava-se simplesmente Eneida. Este seria o seu nome literário para sempre, tal qual o usou pela primeira vez, em "Terra Verde".

Mas, depois de 1930, Eneida abandonou a poesia, entrando no terreno da prosa, trocando-a pela crônica e pelo conto. E passou a considerar seu livro de estréia nas letras como um arrebatamento da juventude, no dizer de um crítico, "um simples pecadinho de mocidade".

Fazendo autocrítica, Eneida considerava "Terra Verde" um livro abjurado, bobinho, ingênuo, simplório, infantil, um momento de irreflexão de sua mocidade. Porém não se arrependia dele, pois o fizera cheio de amor, embora o deixasse de lado, em sua bagagem literária...

Entre conhecidos, a provinciana Eneida, bairrista exaltada, fez muitas amizades, mas as verdadeiramente desinteressadas e sinceras foram poucas. Ela era uma mulher de muitas amizades, mas de poucos amigos. E tinha a mania de divergir e discutir com as pessoas que mais considerava, depois as divertia com a sua verve paraense...

Mulher bem feminina, bonita e inteligente, emancipada, bastante experimentada da vida, com seus dramas de amor, sonhos, ambições e desejos, a descontraída e desinibida Eneida ligou-se a uma "roda" de estudantes, escritores e jornalistas, que freqüentava determinados cafés e bares da cidade e à noite se reunia no restaurante "Reis", para jantar uma "meia-porção" de gostosa "panelada".

Depois do jantar, para fazer a digestão, os acadêmicos e o pessoal da "pena", iam dar uma voltinha na Lapa, o "bas-fond" carioca, o pesado bairro boêmio do pecado, da jogatina, do crime, das ruas de viciadas mulheres perdidas pelo amor, paradoxalmente, ali

facilmente achadas... Que o digam os homens da "máscara", do escopro e do pincel.

Lá reuniam-se em grupos, em volta das mesas dos cafés e dos bares. Conversando ou discutindo bebendo chope e cerveja até altas horas da madrugada. Entre eles Eneida era conhecida como a simpática moça do "Terra Verde". Seu riso e as histórias engraçadas que contava da sua terra, eram uma constante alegre. Principalmente, quando falava das caboclas morenas e ardentes, como pimenta, cheias de crenças e de sonhos, cujos olhos negros são como dois caroços maduros de açaí, e têm um forte poder de sedução...

Num desses grupos Eneida tomou conhecimento das teorias de Marx, Engel, Bukarin, Lenine e outros teóricos do marxismo. Alçando vôo para a liberdade de pensamento e ação, seduzida pelo socialismo da ideologia comunista, premida por dificuldades financeiras, ela partiu para São Paulo, em busca de um emprego, numa fábrica. Lá passou todo o ano de 32. Ingressando no PC, tomou parte em diversos debates, na luta empenhada entre o proletariado e a burguesia, através da imprensa escrita e falada, no movimento chefiado por Prestes.

Bastante chegada ao proletariado, desta chegada resultou a sua primeira prisão por atividade política, junto com outros companheiros de militância. Durante quatro meses esteve presa e sofreu fome, sede, desconforto, muitos vexames e contrariedades. Em São Paulo, ficara conhecida como "a moça do mimeógrafo", pois com este fora presa, nos fundos de casa de um companheiro de trabalho, confeccionando panfletos e volantes, que eram distribuídos, discretamente, por seus camaradas, em diversos bairros da cidade, nas fábricas, ruas, avenidas e praças, agitando as massas à rebelião.

Com a anistia dada aos revoltosos presos, depois da Revolução Constitucionalista, foi Eneida solta por engano, mas depois, caçada como comunista. Para escapar da perseguição policial, de nova prisão e cadeia, teve de se refugiar numa cidade do interior paulista, em casa de uma senhora teosofista, pessoa muito boa e que lhe era inteiramente desconhecida. A menina rica e letrada do Pará, agora era uma moça pobre, muito magra e doente, porém fiel às suas idéias e ao seu partido.

De lá, em 1933, depois de recuperada e com a ajuda dessa senhora, veio num trem militar, cheio de tropas, para o Rio. Procurou pessoas de confiança, que lhe foram indicadas. Desta forma, pode enfrentar os primeiros embates do tempo difícil, numa nova fixação ao meio.

Sendo Eneida uma mulher bonita, as coisas mais extravagantes e absurdas lhe ficavam bem. Usava anéis de pedras vistosas e colares e pulseiras com bastantes

balagandans, brincos muito compridos. No tempo dos "lorgnon", usou e abusou desses óculos. Depois, trocou-os pelos de "gatinho", quase sempre pendurados no topete empinado da cabeleira. Assim, parecia uma bela gata de olhos verdes....

Em um trecho de sua crônica "A Lapa", diz Eneida: "Lembro que, ainda menina, ouvira falar na Lapa e imaginava: ali mora o vício, ali a vida corria sem sono, corpos caindo, músicas abafando tiros, luzes fazendo brilhar faces. Um dia morei na Lapa; nunca ouvi sequer um grito (ouvi, sim, quando morreu a filhinha da senhora que morava ao meu lado); fui vizinha de Manuel Bandeira, que nesse momento escrevera "Canção do Beco"; antes dele, na Lapa, conheci Portinari e Landucci. O único espetáculo que assisti na Lapa foi o de uma bela criatura, vestida com um "peignoir" de seda cor-de-rosa. Depois soube da verdade: fora doméstica, nunca tivera um traje daqueles em sua vida, achou portanto que a exibição de uma tão bela peça devia ser pública. Afinal, quem sabe se aquele "deshabile" não era a realização de um antigo sonho, de um velho desejo?"

"Eneida morou, comportadamente, na rua Morais e Vale, no mesmo edifício onde o poeta Bandeira tinha o seu apartamento. Depois na Visconde de Maranguape. Estranho como pareça, nestas ruas consideradas escusas, moravam ilustres habitantes da Lapa, famílias honestas e haviam as pensões familiares de estudantes.

No "atelier", do pintor conhecido por professor Candinho (Portinari) à rua Teotônio Regadas, ponto de reunião de artistas e escritores, Eneida conheceu o famoso pintor japonês Fujita, que lhe ofereceu ou vendeu uma coleção de quadros. Lá, encontrou-se com Mário de Andrade, que morava no mesmo prédio em que morou Luís Martins, na rua do Catete, esquina com a Santo Amaro, perto do famigerado "High-Life", onde havia bailes e jogo.

Mário, o autor da "Paulicéia Desvairada", frequentava a "Taberna da Glória" e o comprido bar "49", da rua da Lapa, apelidado pelos malandros de "sovaco da mula"... Neste último bar, gostava de escutar música, bebendo chope e comendo siri assado, ou melhor, escaldado, com os inúmeros amigos em volta. Depois de uma dúzia de copos

Depois de 30, o revolucionário Vargas e os tenentes interventores haviam iniciado no País um movimento militar de força, com radicais transformações políticas. Combatendo comunistas e facistas, que se digladiavam nas ruas pelo poder, acabaram fechando todos os outros partidos políticos. Seus "programas", copiados em parte, serviram para formar o Estado Novo da ditadura. O DIP. exercia rigorosa censura.

Em 1936, numa época de violências revoltantes e de um regime deprimente de horrores, Eneida sofreu a sua segunda prisão política. Passou um ano e seis meses na Casa de Detenção. Lá, em companhia de outros intelectuais presos, liderou greves contra maus tratos, no pavilhão feminino, e dedicou-se à literatura moderna. Escreveu o livro de contos "Quarteirão", que não chegou a publicar. Graciliano Ramos, companheiro de prisão, selecionou desse livro o conto "O guarda-chuva", e o incluiu na "Antologia do Conto Brasileiro", mencionando também o nome da autora, em suas "Memórias de Cárcere". Diz ele: "Despedi-me de Nise e desci, uma pergunta enverrou-me, insistente, os miolos: quem seria a criatura feminina de pulmões tão rijos e garganta macha? Nenhum interesse me animava a descobrir isso; refugiei-me na questão para fugir à lembrança de me haver conservado inerte e frio diante da psiquiatra. Foi Valdemar Bessa quem me satisfaz a curiosidade: a mulher de voz forte era Eneida".

Também no cárcere, diz Renard Perez, em "Escritores Brasileiros Contemporâneos", pensou em escrever um trabalho - "História Popular das Lutas Brasileiras". Desse livro só restam fichas, tendo a escritora abandonado o plano completamente. Em 1943, Oséas Antunes publicou seu discutido romance "Quarteirão". E Eneida desistiu de publicar os contos, com o mesmo título...

No segundo semestre de 1937, Eneida foi solta. Em liberdade, a escritora e jornalista, perfeita mulher de jornal, vivia da "pena", escrevendo muito, sempre preocupada com seus problemas e os do povo, numa época de miséria, opressão e transformações políticas. Para ganhar a vida e esquecer seus sofrimentos físicos e morais, trabalhava com afinco e vigor em jornais e revistas, escrevendo artigos políticos e crônicas mundanas, nas seções que conseguia manter. Trabalhava ainda como repórter e datilógrafa e fazia traduções.

Do jornalismo fazia Eneida uma trincheira de combate. E, sem se acomodar, dele valia-se para dizer sincera e francamente, com a boca toda, o que queria, de acordo com suas convicções ideológicas. Falava que não tinha medo de "tira", nem de "rolha". Era socialista e materialista atéia.

Essas atitudes provocantes e sua atividade política lhe valeram muitas outras prisões e desempregos. Só durante o Estado Novo esteve onze vezes presa. Nesta situação, permaneceu até 1946, quando, saindo desta ciranda de cadeias, começou a escrever no jornal feminista "Momento Feminino", crônicas ironicamente açucaradas "garapa", como ela dizia, obrigada pela arrochada situação do momento. Achava o movimento

feminista americanizado...

Sempre empenhada em promover a literatura e a cultura, ainda em 1946, tomou parte na organização do 1º Congresso de Escritores e na fundação da União Brasileira de Escritores (UBE) e em diversos festivais de escritores.

Esquecendo desfeitas e aborrecimentos, Eneida recorda-se das casas de alguns escritores, que faziam de suas residências ponto de concentração de colegas, jornalistas, artistas das mais variadas artes, músicos, gente do teatro e do rádio. Entre estes, destaca as casas do irônico Álvaro Moreyra e Eugênia, em Copacabana, e do jovial Anibal Machado, em Ipanema. Em ambas, seus donos sabiam receber, agradar e acariciar. E Eneida, numa época difícil, foi hóspede, e depois freqüentadora assídua, dessas casas carinhosas e tão acolhedoras. Foram fases de vida ruins, mas não reclamava, porque eram um modo de viver. E o importante é viver e saber fazer as coisas...

Em fins de 1949, Eneida parte ansiosa de seu modesto apartamento da rua Barão de Ipanema, em Copacabana, cheio de livros, quadros e cerâmica popular,\* que Jorge Amado gosta de colecionar, rumo aos igarapés de Belém do Pará, a fim de visitar sua cidade natal e rever parentes e velhos amigos de infância e juventude. Essas são as suas sinceras impressões da cidade:

"Esta é a cidade que deixei há muitos anos. A minha hoje irreconhecível cidade. Quando parti, numa noite com pinceladas pretas de tragédia na minha vida, ela era alegre. Encontro-a agora neste domingo, morta, morna, sem sol, com uma tristeza que parece subir de cada pedra".

Passa trinta e dois dias, na cidade e no interior, passeando, pagando visitas, fazendo íntimos contatos com velhos amigos íntimos e gente humilde do povo, vendo e assuntando tudo, colhendo assunto para futuras crônicas, como uma experimentada repórter. E de tudo trata com imenso amor à sua terra.

Depois, em 1950, voa dos igarapés até o manso rio Capibaribe. Fica encantada com a bela Recife. De lá, enamorada com a cidade capital do "Leão do Norte", voa para a Europa, a fim de se ver livre de muitas coisas de de "matar um velho desejo". Em Paris, ao ver do avião, as primeiras pontes do rio Sena, pensa rever Recife.

Na "Cidade Luz", Eneida recorda-se de sua governanta francesa, Mademoiselle Elise Platt, "alta, magra, rígida", como lembra numa crônica, que lhe ensinou francês, na infância, e lhe contava, nesta língua, histórias maravilhosas de sua terra. E também dos contos de Perrault e das bondosas e gentis freiras do Sion.

Na movimentada capital francesa, Eneida aproxima-se do meio literário e artístico. Entre numerosos escritores e artistas franceses, encontra o pintor espanhol Picasso e o escritor português Ferreira de Castro, o autor de "A Selva", que começou a sua brilhante carreira literária no Pará, com um romance, em folhetins. Encontra-se ainda com o pintor patricio Antônio Bandeira, que pintou um belo quadro da escritora, a óleo e de corpo inteiro.

Freqüentando o Comitê Nacional de Escritores, assistiu conferências, palestras e debates. Fez cursos de literatura geral e infantil. Para os jornais e revistas do Rio, em que escrevia, mandava cartas e notícias "frescas", da velha Europa. Escreveu um livro de crônicas, que ficou inédito: "Paris e outros Sonhos". De lá, precisando de dinheiro, enviava colaboração escrita e paga, ao finado "Diário Carioca", onde colaborou até 1953.

De volta da Europa, em 1951, começou a escrever no "Diário de Notícias", em sua coluna, com o título "Encontro Matinal", uma crônica diária, do dia-a-dia, do cotidiano, e de muitas outras coisas, que durou mais de vinte anos. Registrando sua incursão na literatura infantil, em 1953 surge com "Sujinho de Terra", livro inédito, obtendo o prêmio adjudicado pela então Prefeitura do Distrito Federal.

No ano seguinte, 1954, Eneida publicou "Cão da Madrugada", livro composto, conforme declara a autora, com crônicas publicadas no Diário de Notícias" e no "Diário Carioca", aos domingos, iniciando uma série de livros de crônicas memorialistas, com as quais escreveu, paulatinamente sua autobiografia.

No final da "orelha", da bela coletânea, lê-se:

"Este livro contém as melhores páginas de Eneida. Reunidas, elas não somente revelam a escritora ágil, que maneja uma prosa incisiva e moderna, mas também assinalam a presença, em nossas letras, de uma consciência feminina que, debruçada sobre o cotidiano, sabe extrair dele aquela nota que penetrará fundo nos corações, pois se filtrou através de amorosa compreensão".

Das vinte e nove crônicas que contém o volume, na última, intitulada "À Praça", Eneida explica o motivo de assinar apenas Eneida ou simplesmente Eneida. Destacamos dessa crônica dois trechos, que parecem bem claros:

"O fato é que várias pessoas querem saber seriamente por que assino apenas o meu nome de batismo, por que risquei definitivamente meus sobrenomes. Há os que dizem: qualquer mulher com um nome igual ao teu poderá se dizer autora de teus trabalhos. Outros acham que parece um esnobismo,

um cabotismo, essa história de aparecer sem o nome do pai, principalmente. É por tudo isso que vou declarar à praça que não tenho sobrenomes, que nunca os usei e que sinto-me profundamente feliz homenageando de alguma maneira todas as Eneidas existentes neste país".

"Como meu nome de batismo deu todo esse trabalho à minha vida, resolvi um dia mantê-lo solto, limpo, sozinho, meio desafiante. E assim estou com ele homenageando como disse, todas as mulheres que tiverem um nome idêntico. O que tenho feito na vida é tão simples, tão banal, tão possível de ser realizado por todos, que meus sobrenomes nada viriam acrescentar ou grifar.

"Assim fica claro que assinando como assino não levo nenhum cabotismo, nenhuma vontade "de me faire remarquer" (como se dizia no meu tempo de Sion) e também nenhum desdouro pelo nome simplório de meu pai, caboclo paraense semianalfabeto que um dia a borracha enriqueceu. Minha árvore genealógica é simples, de galhos curtos, completamente despida de grandeza. Uma árvore perdida entre milhares de árvores da floresta amazônica.

Saudando as Eneidas e pedindo que usem de mim, de meu nome, fazendo dele o que bem lhes aprouver, deixo à praça esta declaração".

Ainda em 1954, Eneida publica "Alguns Personagens", livro dedicado ao poeta Carlos Drummond de Andrade, composto com cinco magníficas reportagens e uma excelente novela: "Cló-Cló, entre oceanos, mares e rios". Conforme informa a autora, os personagens entrevistados são "quatro homens: Anibal M. Machado, Di Cavalcanti, Murilo Mendes, Carlos Ribeiro; uma mulher: Cláudia Santana; um livro: Dois Metros e Cinco", romance de J. M. Cardoso de Oliveira. Neste volume figuram suas melhores reportagens literárias.

No ano de 1957, apresenta "Arunda", livro de crônicas memorialistas, dedicado aos irmãos, "Manduca, meu companheiro de travessuras, Guilherme, amigo de todas as horas", com expressiva capa do pintor Antônio Bandeira. É uma obra excelente, onde a autora bisa, a pedidos, a publicação da ótima novela "Cló-Cló, entre oceanos, mares e rios", de seu livro anterior. Bem recebido pela crítica, este livro teve grande aceitação popular. Posteriormente, Mário Barcelos escreveu, também, no Rio, (Editora "Eco"), "Aruanda" (lindos casos de umbanda narrados por um filho de fê), trabalho curioso e interessante, que não deve ser confundido com o livro da cronista.

O Carnaval é, sem dúvida, a festa máxima e popular, dos espirituosos e esportistas cariocas. O povo, com ou sem máscara e dinheiro, se confraterniza nestes dias

de bebedeira e loucura coletiva. Sob o vapor quente do álcool, brinca numa transbordante alegria. Dança, canta e pula, metido na gostosa pagodeira, a ponto de semi-nu, em estado etílico, perder a cabeça. E fazer ridículas besteiras, zombarias e críticas debochadas, esquecendo todos os seus ódios, todos os seus males...

Eneida, carnavalesca e foliã fervorosa, em 1958 escreveu um magnífico documentário da centenária festa folclórica, dedicado ao povo carioca, intitulado "História do Carnaval", trabalho admirável de síntese e pesquisa, único no gênero. A capa é de Comte Carviglioni.

Modestamente, explica a autora que seu original livro, não é completo e definitivo sobre o assunto, mas, apenas um roteiro para um futuro e melhor trabalho de equipe, com estudos mais profundos, graças à ajuda de seus credenciados e admiráveis colaboradores.

Em 1965, tirado deste livro, o Salgueiro foi campeão com o enredo "A História do Carnaval Carioca". E, segundo afirma Osmar Valença\*, seu presidente, "a velha Eneida desfilou, muito animada, numa ala de "pierrots", uma homenagem da escola da bandeira vermelha e branca à criadora do "baile dos perros", que se realizava uma semana antes do Carnaval, sob a orientação da grande cronista carnavalesca.

Dez anos depois da primeira edição da "História do Carnaval Carioca", Eneida cedeu seus direitos de autor à "Coleção Brasileira de Ouro", que publicou uma nova edição sob o formato de livro de bolso, capa a "Espera do primeiro bonde, na quarta-feira de cinzas" desenho alegórico de Ângelo Agostini, com um novo prefácio da autora, onde registra diversas transformações da Folia boêmia, já bastante mercantilizada, com muita gente boa se "defendendo" com o dinheiro, a alegria e o espírito carnavalesco do povo carioca.

Entretanto, graças a isso, e ao número crescente de divertidos e pândegos "travestis", com seus bailes "de arromba" e desfiles de máscaras e fantasias, a grande festa profana continua válida, empurrando para sítios e retiros do interior os "puros", que não gostam de se misturar com a "canalha" das ruas, nestes dias de folia. E Eneida comenta, saudosa e triste, essa distância, entre duas edições de seu interessante e alegre livro: "...e nesses dez anos quantas coisas mudaram". E mudaram mesmo... Não sei si para pior ou melhor. Sei lá". E ensinava a dedicada cronista: "Carnaval e literatura são inseparáveis".

Como representante da União Brasileira de escritores (UBE), sob a presidência de Peregrino Júnior, convidada pela União dos Escritores Soviéticos, para o III Congresso de Escritores da URSS. Eneida vai conhecer a Rússia, em maio de 1959, seu "velho sonho, seu

velho desejo"...

Esta viagem estende-se, depois, a dois outros países socialistas: Tchecoslováquia e China. E o relato fiel e sincero destas visitas é o livro de viagem "Caminhos da Terra", editado por Antunes & Cia. Ltda., em 1959, com a capa reproduzindo o desenho de uma paisagem chinesa, em papel recortado, e ilustrações, no texto, da Eliete Pinto.

Eneida abre o livro com esse significativo e humano pensamento de Lou Sin: "No começo a Terra não tinha caminhos; mas cada vez que um grupo de homens passa pelo mesmo lugar, no fim um caminho se forma".

E, aproveitando a lição contida nesse pensamento, faz essa bela dedicatória: "Os passos dos homens abriram os caminhos da Terra; a esses homens este livro".

Nos atropelos da viagem aérea a caminho de Moscou, recorda-se de "José", seu gato estimação, cujo nome dera também a um papagaio, que não falava, ambos objetos de duas crônicas interessantes. Na maleta, destinada aos objetos de toucador, feita por Otávio de Moraes, o arquiteto, seu filho, nota que este esqueceu a escova de dentes...

Em Zurique, tomando café, observa: "...no aeroporto, uma moça hindu muito bonita parecia Léa, minha filha. Imaginei-a com aqueles longos vestidos sem feitiço e aquelas sandálias". Era a lembrança constante da filha, da família.

Em suas andanças entusiasmadas pelas repúblicas socialistas, falando francês e inglês, com inteira liberdade de pensamentos. Eneida viu muita coisa boa e interessante, em pouco tempo, anotando tudo o que podia em seu caderno de notas ou diário. A vida do povo, nesses países, com todas as suas manifestações populares e estreita ligação à literatura, é descrita por ela, em "Caminhos da Terra", de forma naturalmente sutil, mas sem falsear a verdade com certos exageros. E, uma crítica fina, feita muito habilidosamente, sobre certos usos e costumes, desponta de algumas páginas do livro.

Finalizando "Caminhos da Terra", afirma Eneida, maternal: "Eu vi nos países socialistas, principalmente, crianças felizes, crianças sadias, crianças rindo. Isso, só isso me bastaria para amá-los. E bendizer esta viagem".

Realmente, crianças e flores, são sempre muito românticas, poéticas e bem vindas, a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer parte da Terra.

De volta ao Brasil, ("O bom das viagens é voltar", dizia Eneida), passa quinze dias em Paris, para "...andar em St. Germain, rever velhas paisagens",... e visitar velhos amigos, entre eles, o pintor Antônio Bandeira.

No Rio, em seu apartamento à rua Barão de Ipanema, não cessa sua atividade literária. Ainda, em 1959, de parceria com Paulo Berger, escreve a "Introdução" da "História dos Subúrbios - Copacabana". É uma deliciosa crônica histórica de seu populoso, evoluído, alegre e querido bairro, de onde ela pouco se afastava, e sempre o defendia prontamente e com ardor, quando alguém lhe chamava de inferno dos namorados, com seus amores tortuosos e escusos, antro de perdição e de pecado...

Nesse mesmo ano de 59, devido sua voz rouca, Eneida é operada, na laringe, por um colega do Dr. Pedro Bloch. Conta a escritora o seu caso: "- Quando comecei a ficar afônica, fui ao Pedro Bloch, que me operou(?) os pólipos da laringe e me deu um exercício para fazer diante do espelho. Desde o primeiro dia em que comecei a escala musical, o meu gato enlouqueceu. Corria para os canto da casa e chorava. Veja bem: não gosto de bicho, gosto de gente, mas aquele gato era gente. Tinha até convicções políticas... Tentei quatro vezes fazer o exercício, depois fui ao Pedro e disse: "Olhe, não quero ser cantora, não vou fazer comício, só quero salvar o meu gato..."

Reunindo uma série de dezesseis reportagens literárias com romancistas conhecidos, Eneida, em outubro de 1962, publicou "Romancistas Também Personagens", livro de repórter, conforme ela própria afirma no prefácio da coletânea, explicando seu trabalho, que é dedicado a Jorge e Zélia Amado. O desenho da ilustração da capa é de Mogens Ove Osterbie. Os romancistas "personagens das entrevistas" são: Adalgisa Neri, Campos de Carvalho, Dalcídio Jurandir, Dinah Silveira de Queiroz, Geraldo França de Lima, Hernani Donato, James Amado, João Clímaco Bezerra, Jorge Amado, José Condé, Lêdo Ivo, Lúcia Benedetti, Maria de Lourdes Teixeira, Miécio Tati, Moacir C. Lopes e Santos Morais.

Embora Eneida, modestamente, declare na sua "Explicação", não ser "crítica literária nem ensaísta", sua tarimba na imprensa, em diversos setores, e esse segundo volume de reportagens, evidenciam um sólido e perfeito conhecimento desses gêneros literários, de que são testemunhas seus amigos entrevistados.

"Banho de Cheiro" é editado em 1962 pela Civilização Brasileira. É um belo livro de evocações e crônicas memorialistas, dedicado à sua cidade natal e à filha Léa, para quem, como a mãe, era sempre uma boa amiga, uma sincera e doce confidente. Eis o trecho final da dedicatória:

"Para a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, este livro.

Também para Léa, minha filha.

Precisarei falar de amor?"

O título do livro é o mesmo da segunda poesia do "Terra Verde" e de uma de suas crônicas de "Aruanda". E, segundo informa a autora, é uma continuação desta última obra, o levantamento de suas recordações. A capa, em preto e branco, com os títulos em amarelo e vermelho, é uma reprodução fotográfica da Doca do Ver-o-Peso, com suas canoas enfileiradas no cais, velhas vigiengas descarregando peixe fresco e salgado e recebendo gelo e sal, ao lado do típico Mercado de Ferro, uma das cenas características de Belém do Pará.

Na "orelha" de "Banho de Cheiro", diz Enio Silveira, seu editor:

"Este Livro não é, propriamente uma autobiografia. Eneida jamais a escreveria, pois sempre se importou muito mais com os outros do que consigo própria. Melhor poderíamos classificá-lo como evocação carinhosa de pessoas, fatos, cidades, bichos, paisagens. Um canto de amor às boas coisas da vida, uma lição sobre a arte de enfrentá-la, de vivê-la com os olhos postos em dias melhores que cedo chegarão.

"Este livro, finalmente, é uma demonstração cordial do muito que queremos e prezamos a essa mulher excepcional".

"Banho de Cheiro" é, sem dúvida, o melhor livro de Eneida. Há nele um forte cheiro de terra amazônica, misturado com o das raízes e ervas aromáticas, com que fazem o banho da felicidade. Na crônica, que dá nome ao livro, ela oferece a receita do maravilhoso banho da felicidade, um velho costume paraense, de origem indígena, ingênuo e supersticioso, de se tomar banho, à meia-noite do dia de São João, com uma infusão, misturada n'água, de ervas, flores, folhas, cipós, cascas, e raízes, aromáticos e silvestres, que têm a propriedade milagrosa de tirar o azar e dar a felicidade na vida e no amor... Dizem, até, que as "curibocas", depois do banho, ficam irresistíveis, com um cheirinho gostoso e sedutor de mata virgem...

Lembro-me, ainda, do meu tempo de menino, apedrejador das-mangueiras de Belém, jogando frutas verdes para colher maduras, quando os vendedores de cheiro, engrinaldados, com ramos de "capela" passavam

---

"Expoente jornalista/ suas crônicas são imortais/ foi amiga dos sambistas/ fato que esquecemos jamais (coração). Coração puro e nobre foi benquista / entre ricos e pobres/ é fumoso o seu baile de pierrô/ onde a colombina procura o seu amor/ A poetisa de lirismo invulgar/ hoje o mundo conhece/ através da história do carnaval. F. açai/ E tacacá/ coisa gostosa tem lá no Pará".

\* "Amores os tivera, diz Eneida nesse livro, bons alguns, banais outros, honestos todos, todos principalmente românticos, a imaginação criando tipos inexistentes, quase divinos, em pobres ares existindo simplesmente como homens, tudo terminando quando razões determinantes, avolumando-se, ordenavam a palavra e o gesto finais.

"O casamento não dera certo, infelizmente. Agora sentia o dever de baixar uma cortina, gesto que aprendi sozinha".

aos bandos correndo pelas ruas, com cestas e taboleiros à cabeça cheios de ervas e cipós, gritando: "Chêro cheroso! Olha o chêro cheroso!" E eu respondia, provocante, escondido por traz dos troncos das árvores:

- P'ra lavar o catingoso!...

"O Banho de Cheiro...", é o título de uma crônica publicada em junho de 1922, em "Vida Fútil", por Peregrino Júnior, quando tomou o seu primeiro banho de cheiro no Pará... Desta crônica, do elegante e brilhante cronista social da década de 20, transcrevemos essa página, que nos parece bem expressiva:

"O Pará inegavelmente tem consigo o segredo de tornar impressionantes e lindas, as superstições ingênuas e as lendas maravilhosas que nascem, como um filão encantado, na penumbra verde e mal-assombrada das matas virgens. Uma delas é o "banho de cheiro". Há outras; mas esta é porventura uma das mais interessantes e características. E só aqueles que ainda não subiram, em noite branca de luar, a corrente de um "igarapé" tranqüilo, ou não penetraram ainda, em dias cálidos de verão, a sombra espessa de uma mata fantástica, podem desconhecer o encanto singular e doce da alma amazônica, desabotoando em flores de poesia e sonho. Quem, entretanto, uma vez menos, subiu aqueles rios formidáveis, ou varou aquelas florestas negras-nunca mais esquece as lendas e os costumes primitivos daqueles caboclos sonhadores e mansos..."

"Boa-noite, professor", livro contendo uma novela e dois contos, "O guarda-chuva", "Os assassinos" e "Boa-noite, professor", editado em 1965, pela Civilização Brasileira, com capa de Eugênio Hirsch, é dedicado por Eneida a Aníbal Machado e seu filho Otávio Morais.

São três narrativas fortes e bastante humanas, em que a autora revela sua preocupação ante o desigual destino social do homem nos centros urbanos e no interior, vítima de diversos preconceitos, e de um comercialismo desenfreado e explorador, que chega a lhe oprimir o espírito de luta pela vida contra todas as injustiças de um número desigual e cruel.

Manoel Cavalcanti Proença, o saudoso autor de "O Roteiro de Macunaima", disse na "orelha" deste livro, referindo-se à autora:

"Na sua autenticidade, Eneida pode usar como lema seu o "minha vida é um livro aberto".

Com palavras de Eneida pessoa e Eneida escritora, duas faces perceptíveis, mas inseparáveis, aqui estamos ouvindo, mais do que lendo, essas estórias que nos trazem a voz da amiga. Em passeio na terra natal, conversando com açais e bacabas, de silhueta moderna, pesadas mangueiras matronais, sentindo o perfume das folhas e raízes que põem cheiro e sorte no banho das

moças, reintegrada no seu Pará, decerto ela se esquece, às vezes, dos seus amigos do resto do Brasil".

Em "Molière narrado para crianças", Eneida fez a tradução, adaptação e prefácio da obra, "Contes tirés de Molière", da professora francesa Jeanne Ch. Normand, lançada pela Editora Letras e Artes, em 1965, com capa de Carlos Eduardo Ribeiro.

A tradutora diz no prefácio, "Bilhete aos Pais", ter encontrado estes "Contes tires de Molière", em suas "andanças pelos livros velhos do cais do Sena em Paris", em 1950, no meio dos buquinistas, pensando no "infalível Badaker", Carlos Ribeiro, com os seus "trinta anos entre alfarrabios".

Durante muitos anos ficou namorando o livrinho valioso, em sua estante, até que, conversando com Roberto Ribeiro, sobre literatura infantil, à qual desejava dar uma boa contribuição, este aconselhou-a a traduzir o livro da mestra francesa para ele editar.

A tradução e adaptação, primorosas, Eneida dedica às crianças de seu país. E do livro, dizem os editores:

"Molière deixou à posteridade um número imenso de peças, cinco das quais, transformadas em pequenas narrativas destinadas às crianças compõem... Nelas, a hipocrisia, a vaidade, a injustiça, e maldade humanas são severamente castigadas, e levando-se à níveis de grandeza os personagens de sadia moral. Os exemplos contidos em tais narrativas, adaptadas de forma fácil e acessível à mente infantil, não podem deixar de contribuir gradamente para a sua boa formação.

"Esperamos que as mensagens nele contidas sejam da mais alta valia para crianças, a quem este é dirigido com amor".

Em outubro de 1955, a livraria José Olímpio, à rua do Ouvidor, fechou suas portas. Dos fundos dessa casa, Eneida e outros escritores, passaram para a livraria "Paula Brito", à rua São José, 38. Por essa ocasião, Eneida, no "Diário de Notícias", fazia oportunas reportagens sobre favelas e crianças abandonadas.

Na livraria, conhecida por São José, conheceu Eneida o "mercador de livros, quadros, estampas e autógrafos", Carlos Ribeiro, que menino, começou a trabalhar desde 1920, no comércio de livros da rua São José. Eneida chamava-o carinhosamente de Carlinhos (aliás, a todos os Carlos ela chamava de Carlinhos), dando-lhe a idéia, trazida por ela de Paris, de animadas tardes de autógrafos, graciosamente regadas a uísque, com saborosos salgadinhos.

Ela própria, com sua grande influência sobre os meios literários e artísticos, animava e prestigiava comunicativa sua presença alegre, esses encontros festivos entre escritores e leitores. E comunicativa, com palavras amáveis, dava impressões e opiniões sobre mestres e

obras, estimulando sempre com seu prestígio e valor, os novos amantes das belas letras.

Entre estes, desatacavam-se jovens poetas, de que Carlos Ribeiro se orgulhava de ser o seu maior editor, quando diziam que a poesia estava morrendo... E Eneida era a protetora deles.

A primeira tarde de autógrafos foi a do consagrado poeta Manoel Bandeira, com o seu livro "Itinerário de Parsárgada". Depois uma infinidade delas, quase todas festivas, às sextas-feiras, com uísque jorrando das garrafas, muito generoso...

Nestas reuniões alegres, Eneida procurava sempre se relacionar e se expandir com amor, combatendo com este o egoísmo e a riqueza social desmedida, que isolam as criaturas na solidão, com uma falsa ilusão de grandeza e realidade. Achava-se admirável sua vivacidade, que foi sempre uma característica em toda sua vida, no meio dos inexperientes jovens, com aquela sua juventude de espírito, emoldurada com risos abertos e ruidosas gargalhadas.

Era alegre, franca e sincera. Falava francamente. E não sabia dissimular seu desagrado, sua irritação, em ligeiras discussões com amigos ou mesmo desconhecidos, quando contestavam suas idéias políticas, mostrando-se por vezes sanguínea, áspera e agressiva. Mas, passado o desentendimento, sem queixa, já era outra mulher, embora não se mostrasse arrependida.

Da São José, ponto de reunião de escritores e artistas, saíam alguns para se reunirem no restaurante "Timpanas", ao lado, onde Eneida, servida pelo "garçon" paraense Bezerra, bebia água mineral com uísque e os outros colegas de ofício, boas cervejotas, puxadas com jurupiga portuguesa, discutindo literatura e política. À noite, depois de fechada as portas da livraria, o Mercado a eles se reunia, para jantar com vinho, bebida que muito aprecia.

Eneida, já mulher velha, às vezes parecia uma menina, contando coisas infantis, mas tão engraçadas. Recordava, aos seus conterrâneos há muitos anos radicados no Rio, anedotas e história matutas de ingênuo caboclos canoeiros do Ver-o-Peso e do Reduto, no Igarapé das Almas, quase sempre enganados, em seus típicos negócios depois de fortes doses de cachaça, por espertos negociantes sírios e portugueses...

Durante anos fez Eneida, apaixonadamente, a apologia do Pará e das suas coisas caboclas. Era delicioso ver com essa sua filha diletta o defendia, sem vexame, com fervor e orgulhoso, de qualquer ataque. Tudo que era de lá, que vinha de lá, que falava de lá, dado a seu grande apego a terra natal, tinha para ela um valor extraordinário. E como sentia-se feliz, no meio de seus

familiares e conterrâneos, a torcedora do Clube do Remo, em visitas à sua terra, recordando o passado, sua infância e juventude. Neste clube fez seu "Baile dos Pierrots". Aqui no Rio, em seu apartamento de Copacabana, podia-se dizer que ficava o consulado do Pará, com Eneida, como capacitada consulesa, orientando e dando precisas e úteis informações a todos que a procuravam. Pode-se mesmo dizer que Eneida era o Pará, em pessoa. E como bem disse Pascoal Carlos Magno, "Eneida foi a maior defensora da nação paraense".

A partir de 1966, afastou-se dos meios intelectuais e deixou de escrever livros. Estava muito doente. Havia sido pertada pelo médico Jesse Teixeira. Desde então, achava que sua vida, daí para diante, estava dividida pela doença, "que é tão chato quanto cadeia", dizia ela, entristecida. Mas, sua grande vontade de viver intensamente, fizera vencer com coragem várias crises sérias da doenças. Apresentando melhores, voltou a trabalhar de dia e à noite, num "show".

Em fevereiro de 1968 fez seu último "Baile do Pierrots". Desde 1968 eu não faço mais o meu Baile. Fizem muita ursada comigo. Como os pierrôs não tinham ambição política, preferi acabar com o baile para que eles não sofressem. E eu também não queria mais amolação pro meu lado".

"Um baile que Eneida realizou durante onze anos", diz Maria Lúcia Amaral, amiga e colega, do "Diário de Notícias". Já doente e não podendo mais realizá-lo, ficou muito comovida quanto o fizeram no Pará em sua homenagem. Presenciamos o seu contentamento. Foi o baile mais concorrido, o de sua terra: 1800 pierrôs. Uma beleza! como costumava dizer.

Referindo-se a este baile, afirma a "Folha do Norte", de Belém do Pará:

"Guilherme Costa Filho (que de tanto Eneida chamar passou a ser "Guilhito", para todos) era o irmão mais ligado à cronista, na casa de quem sempre ficava em suas vindas a Belém. Ele lembra especialmente o momento em que Eneida se mostrou mais alegre no Pará: quando realizou no Clube do Remo o famoso "Baile do Pierrot". A cronista trouxe do Rio figuras de expressão nacional dos meios artísticos e a festa ficou gravada na história do carnaval paraense".

Ainda em fevereiro, deste ano, gravou, em casa, seu depoimento para o Museu da Imagem e do Som (MIS). Entre seus amigos, entrevistadores, estava o conterrâneo Dalcídio Jurandir, excessivamente modesto, bom romancista, que com seus romances regionais do Pará, é um dos melhores retratistas da vida paraense. Antes, Eneida já o havia entrevistado, num magnífico

trabalho de reportagem literária, publicado em "Alguns Personagens".

Durante duas horas de gravação, a voz rouca de Eneida, bastante atacada pela doença, tem altos e baixos, ora nítida, ora sumida, devido a constantes pigarros e acessos de tosse. Mas, apesar de por vezes falsear, ela leva a entrevista, na ponta da língua, até o fim

Poucos meses antes de fechar a São José, em 20 de novembro de 1967, atendendo pedidos de amigo admiradores, para autografar um de seus últimos livros, Eneida, convalescente, entrou uma tarde na livraria, carinhosamente carregada nos braços atléticos de seu filho Otávio, campeão de futebol pelo Botafogo, em 48, clube carioca muito simpático no Pará, e de que era torcedora apaixonada. Foi uma bela e comovente demonstração de amor filial. Especialmente para ela que amava a vida: "a coisa mais importante é viver".

Meses depois, escreveu Eneida, especialmente para a revista "Manchete", ótimo texto para reportagem, "Último encontro na São José, sobre a vida literária episódios curiosos na famosa livraria do "velho mercador", o promotor das alegres tardes de autógrafos, que ia desaparecer, e era ponto de encontro dos escritores cariocas.

Mulher independente, sempre incentivando os jovens, lutando pela liberdade em todos os congressos e festivais de escritores, Eneida era muito benquista no meio da colônia paraense, radicada no Rio e em São Paulo. E tornara-se uma grande e admirada figura humana.

Nestes últimos anos que lhe restavam de vida, vivia apoquentada por dores físicas e morais. Mas, reagia e lutava, escorada em seu materialismo, na luta ideológica pela vida, contra a morte. Na ânsia de melhorar, de ficar boa, para poder trabalhar, fazia tudo que lhe ensinavam, a fim de se curar. Portadora, sem saber, graças a muitos cuidados, de câncer no pulmão, inoperável, foi em 1969 operada e tratada pela equipe do Dr. Mariano de Andrade, de um tumor, no intestino. Assim, sua vontade férrea de viver, de ser útil a si e ao próximo, espantam o fantasma da morte, durante cinco anos.

Meses antes de morrer, Eneida escreveu uma carta-testamento, muito íntima, aos seus filhos Otávio e Léa, e também aos irmãos Guilhito e Manduca, num tom irreverente e gozador, dando conselhos e fazendo pedidos, entre os quais de ser enterrada em Belém, no cemitério de Santa Isabel, sob as mangueiras, pedido este que já fizera anteriormente a Carlos Ribeiro, em caráter particular. Nesta carta faz referências boas e más a diversas pessoas de sua intimidade. E determina

os membros da família para quem devem ficar certos objetos seus. Não se esquece de sua neta Iví e de Genaro, filhos de Otávio, de Andréa e Sérgio, filhos de Léa, e Eneida, sua sobrinha, filha do irmão Guilhito (Guilherme Costa Filho). A biblioteca, deixa para a Universidade do Pará, como uma derradeira homenagem e lembrança à juventude brilhante de sua terra, de que ela fora parte ativa.

Em casa, só com seus livros, Eneida sentia-se à vontade, ótima, inteiramente em seu elemento. Os livros, que ela adorava, comprados ou ganhos, "devorava-os" com leituras, que entravam pela madrugada, juntos com revistas e jornais. Quando enchiam demais seu pequeno apartamento, os oferecia, em parte, a escolas e bibliotecas públicas e particulares, ou os vendia no "sebo", tendo antes o cuidado de retirar a folha autografada e guardá-la, numa pasta, como recordação, sem melindrar ninguém por aperto ou falta de espaço vital em casa.

Eneida levava a sério a feitura de um livro, que chegou a dizer, numa revista carioca, fazendo sua autocrítica: "Quando escrevo um livro nunca deixo ninguém vê-lo antes de impresso. Quero sempre ser a única responsável pelo que estiver certo ou errado".

Todavia, ao escrever uma pequena biografia poética de Carlos Drummond de Andrade, para um filme destinado às crianças das escolas, ela toma uma atitude diferente. É que nesta espécie de gênero literário, o biógrafo, às vezes, tem que adocicar o fel com o mel... E ainda, com referência ao alto poeta, ela o achava alto, porque realmente ele é um homem alto, mas o apreciava mais como excelente cronista.

Em janeiro de 1971, Jorge Amado e Eneida, isoladamente, são entrevistados pelo seminário "O Pasquim". Dela, diz Jorge Amado, quase no final de sua entrevista: "Agora eu vou ter que sair porque eu tenho um compromisso com a Eneida, que é uma mulher muito decente. Uma das coisas decentes que tem nesse país é ela. É uma mulher que luta contra tudo que não presta neste país, inclusive contra a morte. Ela é de uma alegria, um exemplo, é uma coisa que você fica orgulhoso de ser brasileiro, de ser escritor e colega dela. Em tenho um compromisso com ela e não quero que ela fique esperando".

No domingo, seguinte à semana de sua sensacional entrevista, no "O Pasquim", Eneida foi cheia de otimismo a Belém do Pará, fundar o Museu Paraense da Imagem e do Som, sua obra, seu sonho, a convite do Governador Alacid da Silva Nunes, de quem era amiga, no firme propósito de voltar para o Carnaval. Tencionava colher ainda alguns dados locais, para a feitura de um livro, a muito pensado, sobre o Pará, sua

capital e os paraenses, de quem tanto se orgulhava e amava sem nunca os esquecer. Este seria o "Guia da Mui Amada Cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará", trabalho de grande louvor à terra guajarina. E, com ele, desejava fechar, com chave de ouro, o seu ciclo literário.

Na inauguração, em Belém, do Museu da Imagem e do Som, referindo-se a Eneida, assim pronunciou-se, em seu discurso, Clóvis Morais Rêgo, presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará:

"Devêmo-lo à iniciativa de Eneida, espírito singular que há meio século simboliza a lucidez, a coragem e a autenticidade da mulher paraense. Quem estuda o nosso passado sabe quanto coisa nobre, bela e útil já se evaporou.

Quantos momentos gloriosos ficaram apenas descritos em palavras, e como estas são impotentes quando tentam traduzir o detalhe esquivo e essencial! O timbre de voz, o ritmo da frase, os pequenos defeitos e as sutis virtudes da dicção - na oratória, no canto, no debate; e o brilho dos acontecimentos coletivos, que se não esgotam paralisados na fotografias, mas podem ser captados pelos filmes-documentários; e as paisagens, inclusive as urbanas, que dentro de algum tempo fatalmente irão se disiludir na voragem do progresso, tantas vezes destruidor- tudo isso para trás não conversamos"...

"Mas, sobretudo, além da Alacid da Silva Nunes - o criador e o grande artífice deste museu - de quem Eneida, com tanto justiça, se empenha por prioritariamente fixar, ela - infatigável Eneida - não pode deixar de ser, neste histórico lançamento, figura central entre as da primeira gravação.

"Sim, a Eneida genuinamente paraense. A Eneida jornalista e escritora do princípio ao fim. A Eneida adolescente, madrugando na redação de "O Estado do Pará", para a divulgação de seus primeiros versos; a Eneida festejada colaboradora de "A Semana", "Guajarina" e "Pará Todos"; a Eneida presente na "Revista Antropofagia", de Raul Bopp, em São Paulo, pelos idos de 1929, a exaltar, em poemas, o quadro singular do paneiro de açaí, comprado no Ver-o-Peso pela "mulata gorda", por esta amassado e peneirado, com "a bandeirinha vermelha à porta", e transformado em cuias cheias de bebida cor da noite"; a Eneida vitoriosa no Sul, florescendo nas colunas do "Diário

Carioca", "A Tribuna Popular", "Novos Rumos", "O Semanário", "A Noite", "Hoje", "O Comício", "Diário de Notícias", "Sombra", "Senhor", "Jóia", "Manchete", "Leitura" e "Revista do Globo"; a Eneida autora de "Terra Verde", em 29; "Quarteirão" (Contos), em 36; "Alguns Personagens" (Novela e Reportagens), em 53; "Cão de Madrugada" (Crônicas), em 54; "Aruanda", em 57; "história do Carnaval Carioca", em 58; "Caminhos da Terra" (impressões de viagens), em 59; "Romancistas, "Também Personagens"; e Banho de Cheiro", em 62. A Eneida de sempre, espiritualmente imutável, como bem proclama de Campos Ribeiro em seu brilhante parecer unanimemente aprovado pelo douto Plenário do Conselho de Cultura - a valorosa conterrânea que imprime às suas manifestações, pelo jornal e pelo livro, um profundo e comovido amor às cousas da terra natal - essa mesma Eneida, a dona desta hora, triunfal personagem de implatação desta nascente entidade cultural".

'Ao mesmo tempo alegre, feliz e emocionada, inaugurando o Museu Paraense da Imagem e do Som, Eneida fala pela última vez aos paraenses, pronunciando o seguinte discurso, filmado e gravado para o Museu:

"Meus caros conterrâneos:

"Desculpai primeiro esta invalidez e podeis ficar certos de que se agora a exibo, é porque quero estar hoje com vocês, no lançamento do Museu da Imagem e do Som desta nossa terra. Sabeis que se não sou de exibições, muito menos sou de louvações aos poderosos. Bem agiram? Não fizeram mais do que a obrigação. Mal agiram? Esqueceram não apenas que são donos do poder, mas esqueceram que eram homens e, principalmente, o dever que têm para com o povo. E com o povo não se brinca. Mas hoje louvarei Alacid Nunes e o faço honesta e conscientemente. Este homem que acaba um mandato, pode dormir tranqüilo: amou sua terra e sua gente. Vi Belém, a bela Belém que ele fez, abrindo ruas; alargando bairros; dando as crianças a praça pública. As praças públicas das crianças, dos namorados e dos pássaros. Sabeis do meu amor por Belém do Pará.

Sofri quando a ela voltei alguns anos passados. Era então uma gorda senhora triste, pedindo amor. E não era amada. Encontrei-a agora, não mais a gorda senhora triste, mas uma linda menina ou mocinha que pergunta: - Não é bonito o meu vestido novo? Belém está linda.

Meus olhos não precisam sondar. Minha imaginação não precisa de nenhum auxílio. Belém está linda: colégios, hospitais; ruas novas, as praças cheias de crianças, e tudo isso devemos a Alacid. Eu sonhava ver essa Belém que ele fez. Para fazê-la assim, é porque por ela tem amor. É amor por seu dinamismo. É amor por sua capacidade de trabalho.

Há homens que destroem e homens que constroem. Destruir é fácil, contruir é difícil. Alacid é homem de construir, de criar. Bendito seja sempre, porque bendito são os construtores. Não falarei, nas suas obras, que são mais de três mil; apenas quero agradecer - e vocês servem de testemunhas - a solidariedade em que, sem me conhecer, ele me envolveu. Mandava visitar-me, sabendo-me doente, e perguntar o que eu precisava e queria. Raramente os poderosos lembram que são gente. Alacid é gente. Dá-nos hoje este Museu. Um sonho meu que se realiza. O que vai fazer este Museu? Guardar para sempre o depoimento ou palavras de homens certos ou errados que tomaram parte na história do Pará.

Quantos homens e mulheres têm morrido sem que deles se guarde a menor lembrança? Quantos homens estão aí vivos para contar com suas vidas épocas passadas? Não morrer definitivamente e ficar o que disse e o que fez é o papel do Museu de Imagem e do Som. Espero muito dele. Nossas danças folclóricas estão morrendo, bem como as nossas músicas e, com sua instalação, tudo ficará gravado, ou, digamos melhor: ressuscitado.

Olavo Lyra Maia será o diretor do MIS. Esse Museu de Belém vai ser o que precisa ser. Sei de sua operosidade e sei de quanto é capaz. Por isso espero e creio nele. Permiti que agora aperte a mão de Alacid e Olavo”.

\* \* \*

Depois de 1º de março, dia da inauguração do Museu, quando em sessão magna no Teatro da Paz fez seu interessante discurso de agradecimento ao Governador e aos seus caros conterrâneos, Eneida passou mal e ficou bem ruim. Quase sem poder comer e beber, contentava-se em tomar determinados remédios e fumar muito. Era uma inveterada fumante, principalmente quando doente, ou nos momentos de raiva; a dor apertava e a fazia chamar nomes feios... como alívio.

Inválida, presa à uma cadeira de rodas, atacada de polinevrite, em casa de seu irmão Guilherme, onde

sempre ficava em suas vindas e temporadas, em Belém, Eneida que sofria muito, sentia triste se aproximarem os dias finais do seu martírio, de sua batalha contra a morte.

Seus parentes e amigos pediram para não mais voltar ao Rio. Mas, preocupada com os filhos e os netos e bisneto, seus inúmeros amigos cariocas, querendo talvez, pela última vez, rever seu apartamento, suas coisas íntimas e seus queridos livros, insistia em voltar, sem explicar motivos: - “Quero ir para o Rio. Se tiver de morrer e lá no Rio”.

E assim foi. Acompanhada do irmão Guilherme (“amigo de todas as horas”) e de sua governanta, Olga Monteiro do Rosário, Eneida foi trazida de avião para o Rio. No dia 10 de março saiu de seu apartamento, na Av. N. S. de Copacabana, para ser internada no Hospital “Miguel Couto”. Durante 30 dias seus médicos assistentes, Fernando Pompeu e Sérgio Carneiro, e uma dedicada equipe de enfermagem, lutaram pela recuperação e sobrevivência da ilustre doente do quarto nº 219.

Finalmente chegara sua hora final após um longo período de enfermidade. Depois de receber a extrema-unção, ministrada por um bispo, que lhe prestou assistência religiosa a pedidos de amigos católicos, cumprindo um dever de piedade cristã, ao qual sua religião os obriga, morreu Eneida, em estado de coma, já inconsciente há vários dias, paralisada de um lado do corpo, em consequência de uma hemorragia cerebral. Às 6:30 da manhã do dia 27 de abril de 1971.

“A propósito”, diz Raul Lima, “não sei de ninguém que, sem prática de religiosidade tivesse mais autêntico espírito cristão. Quem, tanto havendo amado, pecado e sofrido, tivesse mais domínio sobre a dor, gosto de viver, paixão pela justiça, dedicação às crianças, tantas virtudes cristãs”.

- 
1. Capítulo I do ensaio bibliográfico Eneida... Simplesmente Eneida.
  2. Veloso Leão, escritor, publicou pela Livraria São José, R.J. em 1973. O Livro contém dois capítulos: I - Eneida Viva e II Eneida Morta.
- \* O presidente do Salgueiro prometeu que o título do enredo de sua escola de samba, seria “Eneida”. Promessa cumprida, o samba vencedor foi “Eneida - Amor e fantasia”, do consagrado sambista e compositor, Geraldo Soares de Carvalho ou Geraldo Babão, como é popularmente conhecido. Eis a letra do samba enredo a ser apresentado ao público e à comissão julgadora, na Av. Presidente Vargas: “O povo sambando/cantando a melodia Salgueiro traz o tema/ Eneida - Amor e Fantasia/. A mulher que veio do norte/ para o Rio de Janeiro/ com genial/ em busca da sorte/ na literatura nacional.